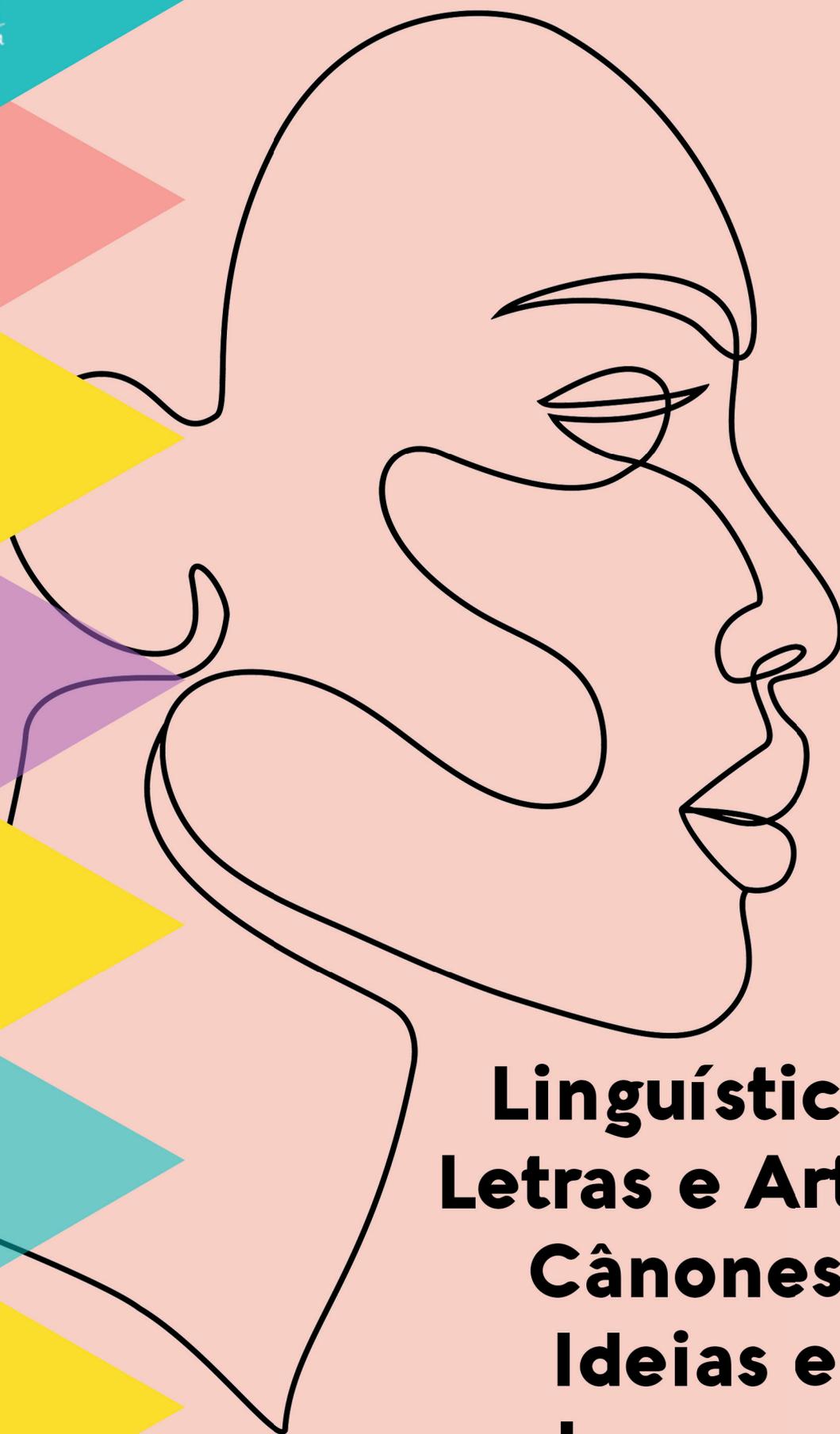
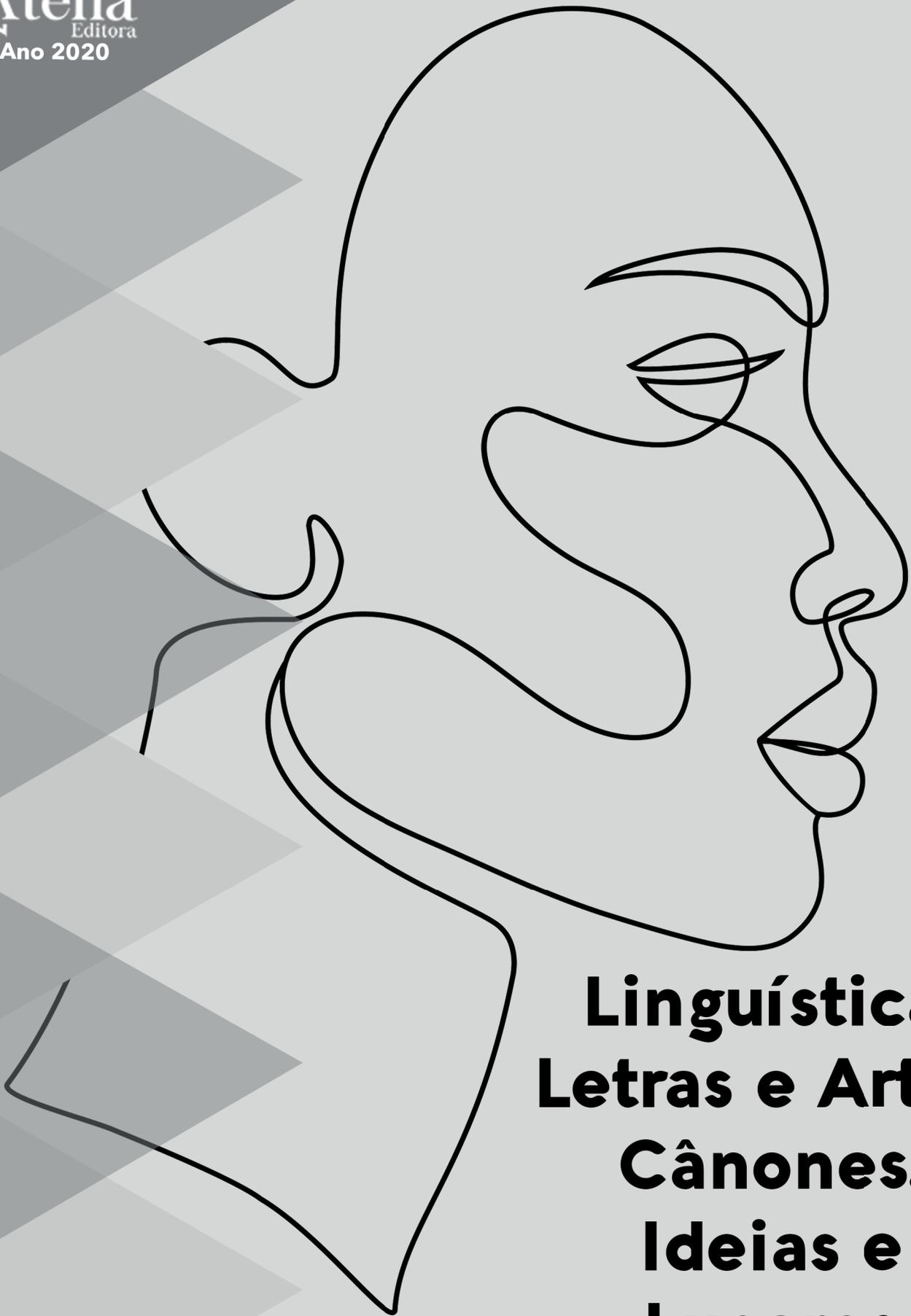


Atena
Editora
Ano 2020



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 1 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-116-9 DOI 10.22533/at.ed.169201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ao escrever esta apresentação não tem como não pensar na situação que o país se encontra imerso. Muitas cidades em isolamento social, outras relaxando as medidas de prevenção e de combate à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2) da Covid-19, que tem ceifado milhares de vida. Seria injustiça da minha parte se no início desta exposição não externasse os meus sinceros sentimentos às pessoas que perderam seus entes queridos. Acredito que este é também o papel das ciências da linguagem, enxergar o ser humano nas suas diversas facetas e a que estamos passando não é uma das melhores, apesar de tudo, há esperanças de que tudo isso passará e, certamente, seremos pessoas melhores.

Falar de linguagem, linguística e arte é falar da comunicação estabelecida no fazer do sujeito. A iniciativa de comunicar ao outro o que está sendo produzido nas diversas regiões do país é uma ação necessária, sobretudo, dos estudos que estão sendo realizados com transparência e monitoração das propostas de investigação científica, já que produzir ciência no Brasil é um contínuo e pleno exercício de resistência no combate às fake News.

Todos os autores que se propuseram na caracterização deste e-book, mostram-se como sujeitos resistentes mediante as ineficiências de incentivos que nos últimos anos têm sido direcionadas à produção de ciência, sobretudo, a ciência linguística, da linguagem e artística no país que ainda não se convenceu de que é somente por meio da educação que escreveremos novas e coloridas páginas de oportunidades na existência desta e das gerações futuras.

Assim, as páginas que contemplam esta obra não são desbotadas pela carência de informações pertinentes que perpassam pelas áreas da linguística, da literatura e das artes. Estas páginas são coloridas com diferentes conhecimentos das áreas diferentes do saber em que todos os seus propósitos, finalidades e evidências de que o conhecimento constrói a diversidade e conscientiza-se na relevância do pensamento científico e da reflexão fortificada em cada discussão.

Neste e-book, estão organizados dezenove capítulos que repercutem a relevância da coletânea pela diversidade das reflexões propostas. Ao detalhar em cada capítulo como a linguagem dialoga com a linguística, com a literatura e com as artes, elaboramos uma cadeia de saberes multifacetados. Sendo assim, nestes dezenove textos temos a certeza de que a ciência se faz na diversidade e no respeito à pesquisa do outro, da sua função de cientista da linguagem marcada com ideias, ideais, contextos e estilos de escrita.

Esperamos que estas reflexões respinguem cores, cheiros e sabores ao contexto social e linguístico que o Brasil e o planeta estão passando. Em linhas gerais, autorizadas são todas as discussões diversas que enxergam nesta coletânea a certeza de que a produção e divulgação de conhecimentos instalem cenários transparentes e necessários da educação na formação dos sujeitos, portanto, resta-nos desejar: boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O AUTISMO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Edijane Maíla Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019061	
CAPÍTULO 2	12
ESTUDO DOS DISCURSOS NO INSTAGRAM DE INFLUENCIADORAS DIGITAIS DO MERCADO DE MAQUIAGEM: HUDA KATTAN E NIINA SECRETS	
Beatriz Costa Fernandes Pereira	
Fred Izumi Utsunomiya	
DOI 10.22533/at.ed.1692019062	
CAPÍTULO 3	29
A INSTAURAÇÃO DA ARGUMENTATIVIDADE NO DISCURSO DE MUDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA	
Jairo Venício Carvalhais de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1692019063	
CAPÍTULO 4	41
AS TRAMAS DA ENUNCIÇÃO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1692019064	
CAPÍTULO 5	51
DA FEITURA DO DASEIN NEOLIBERAL: ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO DO HERÓI DE INFINITE JEST, DE DAVID FOSTER WALLACE	
Henrique Reis Fatel	
DOI 10.22533/at.ed.1692019065	
CAPÍTULO 6	69
A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE EMPODERAMENTO DO SUJEITO NEGRO	
Letícia Queiroz	
Epaminondas de Matos Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.1692019066	
CAPÍTULO 7	81
A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS SHAKESPEARIANAS ENQUANTO REPRESENTAÇÕES ESTÉTICAS DA SOCIEDADE ELISABETANA	
Fernanda Rafael da Paz	
Neide Aparecida da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019067	
CAPÍTULO 8	89
A PAIXÃO SEGUNDO G.H COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Alice Duarte de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.1692019068	

CAPÍTULO 9	105
CONTOS DE FADAS, FANTASIA E PROTAGONISMO FEMININO: UMA LEITURA DE <i>TRONO DE VIDRO</i> , DE SARAH J. MAAS	
Izabela Fernandes Simão	
DOI 10.22533/at.ed.1692019069	
CAPÍTULO 10	118
A CRIAÇÃO IDEOLÓGICA E O TRAUMA SOBRE <i>O CASAMENTO EM A PORTA E O VENTO</i> , DE JOSÉ BEZERRA GOMES	
Eldio Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190610	
CAPÍTULO 11	132
A MANIFESTAÇÃO DO DIALETO <i>PAJUBÁ</i> NA MÚSICA <i>QUEER</i> BRASILEIRA	
Martiniano Marcelino de Macedo Torres	
DOI 10.22533/at.ed.16920190611	
CAPÍTULO 12	154
A POTÊNCIA DA NARRATIVA E A COMUNIDADE DOS CELIBATÁRIOS EM <i>AS CANÇÕES</i> , DE EDUARDO COUTINHO	
Mírian Sousa Alves	
Renata de Oliveira Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190612	
CAPÍTULO 13	165
A REFRAÇÃO HOMOFÓBICA NO JORNALISMO: ESTUDO DE CASO SOBRE O ASSASSINATO DE BRUNA	
Piero Dutra Vicenzi	
DOI 10.22533/at.ed.16920190613	
CAPÍTULO 14	173
ARQUITETURA WAURÁ - DESCRIÇÃO DO PROCESSO CONSTRUTIVO DA CASA TRADICIONAL DO POVO WAURÁ	
João Mário de Arruda Adrião	
Tirawá Waurá	
Thalysson Paulo Alves Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.16920190614	
CAPÍTULO 15	179
CULTURA E REGILIGIOSIDADE POPULAR, CONGADA EM ANGICAL: BREVE DISCUSSÃO	
Vera Regiane Brescovici Nunes	
Pedro Fernando Sahium	
Washington Maciel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190615	
CAPÍTULO 16	191
ENTRE ILHAS: ORIGENS, DESVIOS E NARRATIVAS NA MEDIAÇÃO CULTURAL	
Andressa Argenta	
Carolina Ramos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.16920190616	

CAPÍTULO 17	202
ENTRE O CAOS E A ORDEM: RELAÇÕES SOCIAIS E PERCEPÇÕES SOBRE O TERMINAL URBANO FRANCISCO ALVES RIBEIRO EM RIO BRANCO–ACRE	
Beatriz Tayná Souza Brito	
Marcia Meireles de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.16920190617	
CAPÍTULO 18	213
BRASIL E PORTUGAL NA ENCRUZILHADA: A NEGAÇÃO DO FADO E A AFIRMAÇÃO DO SAMBA (1930-1939)	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190618	
CAPÍTULO 19	232
A DANÇA EM SEUS DIFERENTES RITMOS	
Karolaine Ramada Neves	
Aline Ditomaso	
DOI 10.22533/at.ed.16920190619	
SOBRE O ORGANIZADOR	237
ÍNDICE REMISSIVO	238

AS TRAMAS DA ENUNCIÇÃO

Data de aceite: 01/06/2020

Ivan Vale de Sousa

RESUMO: Como resultados da cena enunciativa os enunciados e a enunciação são temas deste estudo, reverberando aos seguintes objetivos: discutir como ocorre a enunciação entre os sujeitos, refletir como a enunciação pode ser realizada no contexto e apresentar uma síntese das categorias de pessoa, tempo e espaço como instâncias do processo enunciativo. Estas discussões não partem da análise de *corpus*, contudo, mostram-se necessárias na caracterização reflexiva de compreender a ocorrência da enunciação, logo, tais indicações e referências textuais são trajetos nos estudos e nas investigações às pesquisas relacionadas ao funcionamento da enunciação.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Enunciados. Cena enunciativa. Categorias.

ABSTRACT: As results of the enunciative scene, the enunciations and the enunciation are themes of this study, reverberating to the following objectives: to discuss how the enunciation occurs between the subjects, to reflect how the enunciation can be carried out

in the context and to present a synthesis of the categories of person, time and space as instances of the enunciative process. These discussions do not start from the corpus analysis, however, they are necessary in the reflexive characterization of understanding the occurrence of the enunciation, therefore, such indications and textual references are paths in the studies and in the investigations to the researches related to the functioning of the enunciation.

KEYWORDS: Enunciation. Statements. Enunciative scene. Categories.

INTRODUÇÃO

O tema central deste trabalho é a função da enunciação na produção de sentidos que os sujeitos produzem e se envolvem. Ao enunciar, o sujeito comunica-se, dá forma ao seu pensamento, interage com seu interlocutor e ambos constroem um processo enunciativo harmonioso e eficaz, orientam as questões subjacentes ao trabalho com a linguagem e envolvem-se com elas, já que tais condicionantes fazem parte da constituição do ser humano.

A realização do processo enunciativo

estabelece-se em três categorias *pessoa, espaço e tempo* em que são marcadas as referências enunciativas. Todo ato enunciativo carece dos sujeitos que assumem as funções de enunciador e enunciatário como condicionantes do funcionamento dos atos do dizer e do fazer, estando inseridos em uma atmosfera que se enuncia na actancialização, na temporalização e na espacialidade de um contexto linguístico e social.

Entendida como a ação de comunicar, a enunciação realiza-se tanto na interação entre locutor e interlocutor quanto no tratamento em textos escritos, atribuindo aos sujeitos a função de protagonistas na realização do que se denomina cena enunciativa. A instância da enunciação está, justamente, no acontecimento como a língua efetiva-se em meio às referências construídas e compartilhadas entre os atores do processo comunicativo.

Ao colocar a língua em processo contínuo de funcionamento, a enunciação reorganiza os discursos, atribuindo aos lugares de destaque os sujeitos no fazer enunciativo em um tempo especificado. Assim sendo, estas reflexões estão divididas em duas partes discursivas: na primeira, define-se a enunciação e seu processo de realização, na segunda, as categorias enunciativas de pessoa, tempo e espaço são objetos de discussão e, por fim, algumas considerações são feitas, não como etapas finais, mas como pausas reflexivas, porque os trabalhos com a enunciação representam investigações e reflexões contínuas que carecem de ampliação continuamente.

ENUNCIÇÃO: O QUE É? COMO SE REALIZA?

O sujeito ao enunciar produz um processo de significação e coloca em funcionamento o uso constante da língua, fazendo-a acontecer a partir das variantes dos contextos sociais. Não é possível pensar na constituição do sujeito sem que a proposta de refletir não esteja interconectada com a noção de língua e suas concepções, pois, é somente por meio dela que os agentes enunciativos estabelecem um amplo e contínuo encadeamento das estruturas linguísticas e sociais da língua.

O acontecimento que os sujeitos fazem da língua realinha como os contextos inferem na realização do trabalho com referências enunciativas. Assim, é preciso pensar que o sentido só existe porque nele está a experiência dos sujeitos como protagonistas da enunciação e ao produzir sentidos os indivíduos constroem-se, individual e coletivamente, aprendem, investigam, problematizam, interagem e ensinam.

As cenas da enunciação envolvem os sujeitos nos processos de interação com as linguagens e com suas variantes. Esses sujeitos assumem a função de enunciador e enunciatário no movente processo proposto pela enunciação. Quando ambos os sujeitos interagem, estão produzindo cenas enunciativas, marcando suas marcas discursivas nos atos de dizer e desdizer, envolvendo-se em um contínuo interagir no diversificado ato de comunicação.

A enunciação não produz suas cenas de interação apenas por meio do discurso

entre os sujeitos, ela se realiza também por intermédio dos textos escritos, das formas e peculiaridades como os locutores e seus alocutários interagem nos mais variados contextos de realização da língua, visto que o papel essencial da enunciação é fazer a língua acontecer, colocando-a em funcionamento contínuo e promovendo uma proposta gerativa das finalidades entre os sujeitos envolvidos nas cenas diversas da enunciação.

Entender como a enunciação encontra terreno fértil na interação dos falantes significa pontuar que cada sujeito traz uma identidade e um contexto de realização para o campo do discurso e, assim, entende-se, portanto, que o discurso é uma forma de como a língua se coloca em contínuo funcionamento, adaptando-se às variantes sociais, cultas, contextuais e linguísticas.

Há que se destacar também que a enunciação é a marca própria de estruturação da língua, isto é, a própria língua colocada em uso pelos falantes, transformando-se de maneiras diferentes nos planos textuais, escritos, orais e sinalizados¹, porque em cada um deles há características próprias que necessitam ser levadas em consideração, já que a produção de sentido está implícita na interação dos falantes.

Na fala, por exemplo, a enunciação realiza-se considerando os modismos, as variantes, os contextos sociais, os grupos e as linguagens próprias dos falantes que a utilizam, isto é, há um contexto social e linguístico que interferem no processo enunciativo, enquanto que na escrita a enunciação se estrutura de modo heterogêneo, pois para se obedecer aos parâmetros sociais e linguísticos aceitáveis e constituintes da cena enunciativa é necessário conhecer como seus pronunciamentos estão inseridos em contextos especializados e temporalizados.

Como parte essencial do ser humano a língua simboliza sua identidade e inserção no contexto social das interações, por conseguinte, a enunciação como ação de comunicação e interação entre os sujeitos marca como singular cada falante da língua instaura-se nas cenas enunciativas. Difícil é pensar a constituição do sujeito sem que este não esteja envolvido nas cenas da enunciação, nas propostas comunicativas. Logo, a enunciação faz parte da história e do percurso gerativo do sujeito como produtor enunciativo em constante mudança.

Enunciar significa produzir com o outro um processo de inter-relação comunicativa, ou seja, na enunciação há, sobremaneira, dois sujeitos que interagem, um sujeito que fala sobre algo e outro sujeito que diz sobre o algo dito, é o que as ciências enunciativas vão denominá-los de enunciador e enunciatário, locutor e alocutário ou narrador e narratário. Assim, constantemente, estamos envolvidos nas cenas de enunciação, às vezes, com o outro e, muitas vezes, com nós mesmos.

Quem nunca se percebeu falando de si mesmo e sobre si mesmo, como se houvesse um outro sujeito à espreita do diálogo? Sozinhos ou acompanhados promovemos cenas de enunciação e um bom exemplo disso é quando estamos falando sozinhos como se

1. Os sujeitos surdos produzem cenas enunciativas por intermédio dos sinais próprios da Língua Brasileira de Sinais.

alguém invisível estivesse interagindo conosco. Na escrita a enunciação mostra-se mais de maneira intrínseca, pois antes de produzirmos um texto para outrem, o produzimos, primeiramente, para nós mesmos e os primeiros enunciadores e enunciatários de nossos textos somos nós mesmos, para somente depois aparecer a figura discursiva do outro e inseri-lo na produção do enunciado.

É assim que a enunciação se realiza: na interação com o outro e do outro com nós mesmos. Enunciar é dialogar no plano gerativo dos sentidos que se queira atribuir às cenas enunciativas produzidas no funcionamento da linguagem. Quando os sujeitos estão envolvidos nas cenas enunciativas, criam-se itinerários em que a língua se realiza de diferentes maneiras e sentidos.

Difícil é falar sobre enunciação sem que não nos venha à mente a relevante figura de Emile Benveniste, visto que os estudos referentes à teoria da enunciação trazem o autor como precursor nessa discussão além de outros que, vez por outra, o citam como “um dos pioneiros nos estudos sobre o discurso, ao pôr em realce a intersubjetividade que caracteriza o uso da linguagem, ressaltando a necessidade de se incorporar aos estudos linguísticos os fatos envolvidos no evento de produção dos enunciados” (FÁVERO; KOCH, 1988, p. 31).

A realização da enunciação está inserida em um processo de marcas intersubjetivas que enaltecem os sentidos reais da linguagem, porque todos nós produzimos enunciados, mesmo não tendo, muitas vezes, convicção disso. Além do mais, as cenas da enunciação não se realizam apenas por meio da fala, mas também na interação com o outro e nos modos como o outro produz suas propostas enunciativas conosco, basta, por exemplo, perceber como os surdos se comunicam, questionam-se, interagem e se fazem compreendidos; isso implica dizer que eles produzem e se envolvem também nas cenas da enunciação.

Mas, a enunciação além da interação com o outro, como ela pode ser proposta? Em síntese, quando realizamos um processo de leitura estamos enunciando com o texto e com o autor que ousou colocar suas convicções e pesquisas à prova do leitor que é um exímio investigador. Quando escrevemos ou produzimos algum artefato textual estamos enunciando, estamos criando cenas enunciativas e quando voltamos ao que foi escrito, refazendo, readequando, reestruturando palavras e expressões, estamos realinhando o processo enunciativo presente no texto em uma constante averiguação produtiva de enunciados.

A enunciação como instância da língua realiza-se na ação discursiva do sujeito, colocando em destaque o enunciador no seu fazer discursivo. Na enunciação, além do sujeito, há também o enunciado que pode ser entendido como resultado da ação de promover a comunicação entre os participantes da cena dialógica.

Entendemos por *enunciação* o ato de um sujeito-destinador interagir, em situação de comunicação, com um sujeito-destinatário, implicando essa interação uma manipulação em que ao destinador cabe, em sentido amplo, um fazer persuasivo e ao destinatário um

fazer interpretativo. O produto do ato da enunciação, falado ou escrito, é o *enunciado*. (HILGERT, 2007, p. 70, grifos do autor)

Se mergulharmos, reflexivamente, nos planos globais e particulares do texto, perceberemos que há inúmeros níveis de processos enunciativos e de cenas diversificadas de discursos propostos no plano gerativo de sentidos coesos da enunciação. Assim, a enunciação no texto materializa-se mediante aos planos constitutivos de estabelecimento da linguagem, funcionando como “espécie de dispositivo que as línguas têm para que possam ser enunciadas” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 36).

Afirmar que as línguas podem ser enunciadas significa dizer sobre a necessidade de elaboração dos discursos, isto é, como as línguas no processo de enunciação se realizam, efetivam-se e envolvem os sujeitos nas tramas linguísticas e sociais. A enunciação, portanto, coloca a língua em funcionamento por intermédio de um processo contínuo de inferências e possibilidades, por isso, a arte de enunciar implica também na arte de trabalhar com a linguagem e de entendê-la nos mais variados contextos.

Discorrer sobre a teoria da enunciação em Benveniste significa compreender como as contribuições do processo enunciativo são fundamentais para os estudos linguísticos, porque a “enunciação é o conceito-chave para que o percurso gerativo de sentido seja um modelo harmônico e coeso, pois ela permite a passagem da estrutura ao acontecimento, os dois elementos que ordenam o discurso” (FIORIN, 2017, p. 976).

Dito que a enunciação se apresenta de maneira diferente no plano escrito e na oralidade, entende-se que a elaboração das cenas enunciativas marca no ato dos sujeitos os tratamentos dados à língua, à linguagem e ao discurso na constituição do protagonismo do sujeito-enunciador. Assim, para quem produz determinado texto, a esfera textual é o lugar de materialização do discurso proposto pelo autor que objetiva criar as relações dialógicas entre seus interlocutores.

Em linhas gerais, a enunciação constitui-se como instância da interação do sujeito pela linguagem, porque é na linguagem que são realizados os contextos de interação, logo, é preciso entender a enunciação e as cenas enunciativas a partir das categorias actanciais, espaciais e temporais.

BREVE DISCURSO DAS CATEGORIAS DA CENA ENUNCIATIVA

À luz dos estudos propostos por Benveniste, a teoria da enunciação parte do seguinte propósito: quem enuncia o faz para alguém, em uma temporalidade determinada e em uma espacialidade específica. Assim sendo, neste tópico, farei apenas uma súmula das categorias de *pessoa*, *tempo* e *espaço*, embora, tenha a pretensão de abordar as categorias enunciativas em trabalhos futuros de maneira ampliada.

As tramas da enunciação colocam em destaque as categorias de pessoa, de espaço

e de tempo em um processo dialógico entre sujeitos que organizam seus discursos em uma determinada temporalidade e inseridos em um contexto de espacialidade especificada. Assim, essas categorias enunciativas auxiliam e criam as cenas da enunciação, demonstrando o funcionamento eficaz e peculiar da língua.

A cena enunciativa constitui-se por meio de um processo chamado *debreagem* em que o discurso se efetiva mediante as categorias de pessoa, tempo e espaço. Essas categorias projetam no enunciado os sinais que permitem identificar as constituintes da enunciação e, nesse jogo, entram em destaque as categorias enunciativas capazes de possibilitar o acontecimento da ação de enunciar.

O entendimento do processo enunciativo da *debreagem* pode ser entendido de maneira clara, referindo-se a um *eu* (pessoa), um *agora* (tempo) e a um *aqui* (espaço/lugar), além disso, entende-se que a pessoa *eu* necessite de um *tu* para promover a enunciação, de modo que a *debreagem* “tem por efeito referencializar a instância a partir da qual ela se efetua” (GREIMAS; CORTÉS, 2016, p. 111).

No jogo da enunciação, isto é, da comunicação, da argumentação e da interação do sujeito, o enunciator joga, discursivamente, com as categorias enunciativas com base nos mecanismos de *debreagem* e *embreagem*. Os sujeitos da enunciação, neste caso, enunciator e enunciatário, jogam com as categorias enunciativas e os mecanismos em que a *debreagem* se potencializa como “conjunto de operações pelas quais um enunciado se ancora na sua situação de enunciação” (MAINGUENEAU, 2005, p. 108).

A primeira categoria actancial, de pessoa, possibilita o funcionamento do processo enunciativo, mostrando-se essencial, porque é por meio dela que as demais categorias são referenciadas. Na instância de pessoa, o enunciator e o enunciatário produzem um processo dialógico de enunciação. Em continuidade ao enunciator e aos enunciados produzidos temos a figura do narrador e do narratário em que o narrador pode organizar seu discurso nas formas direta, indireta e indireta livre discursiva.

Na instância da enunciação, a língua coloca-se a serviço da pessoa, assim, o homem imprime sua marca dialógica no uso da língua como forma de definir o sujeito como protagonista de sua própria identidade. Essas marcas possibilitam ao locutor, nesse caso, o sujeito a se apropriar da língua e “uma dessas marcas está ancorada no uso das categorias de pessoa” (BENVENISTE, 1991, p. 176).

A categoria de pessoa na cena enunciativa revela que o locutor ao pensar nos seus possíveis interlocutores, instaura um processo contínuo de escolhas linguísticas, lexicais e como estas serão capazes de produzir sentidos, permitir que o funcionamento da língua se efetive com eficácia, pois todo e qualquer enunciado produzido é visto como resultado da enunciação.

Aprender a enunciar e enunciar para aprender são finalidades indissociáveis para o trabalho com a língua e a linguagem na sala de aula, pois a enunciação não ocorre apenas entre sujeitos que estejam junto no mesmo espaço. A leitura, por exemplo, revela

um plano enunciativo entre o autor e o leitor, daí a importância de compreender como a categoria de pessoa é fundamental tanto para o trabalho com a escrita quanto com a leitura.

Como é comum as gramáticas normativas apresentarem as pessoas do discurso, embora, no Português do Brasil, a segunda pessoa (*tu/vós*) já venha há tempos sendo substituída pelo pronome *você*, essas pessoas no discurso demarcam a relação entre os enunciadores envolvidos na enunciação que juntos constroem uma cena enunciativa de ditos, não ditos, pressupostos e subentendidos. Assim, no quadro abaixo, apresento as pessoas discursivas cumprindo uma simples proposição didática.

<p>Eu – quem fala *Tu – com quem se fala Ele/ela – de quem se fala Nós – os que falam *Vós – com quem se falam Eles/elas – sobre quem se falam <small>*Substituídos no Português do Brasil por <i>você/ vocês</i>.</small></p>
--

Quadro 1: PRONOMES/ PESSOAS DO DISCURSO

A segunda categoria, a de espaço, embora menos discutida, realinha que a ação discursiva jamais pode ocorrer fora de uma temporalidade, pois traz para o cerne da enunciação a noção de espaço, contexto. A categoria de espaço ultrapassa a ideia de lugar fixo, sobretudo com a utilização de elementos dêiticos como *aqui, ali, aí*, para assumir no plano da narrativa a ideia de contexto social.

A noção de espaço na enunciação representa o espaço de elaboração da língua e ultrapassa a ideia de lugar existente, porque o agora da narrativa nem sempre significa o agora do momento, é, portanto, um agora inserido em um contexto de comunicação, mostrando-se não espacial, sobretudo, na constituição e na realização dos contextos das narrativas.

A terceira categoria da cena enunciativa é a de tempo. Nessa categoria são marcadas as referências de pretérito, presente e futuro no discurso dos enunciadores, bem como demarcam a temporalidade no plano das narrativas. É comum a utilização dos advérbios de tempo para marcar e articular a temporalidade nas instâncias da língua, pois quando está em funcionamento relativiza a ideia de tempo com a flexão dos verbos que podem direcionar o leitor na identificação da temporalidade na efetivação da enunciação.

O tempo em que a enunciação acontece não é o mesmo tempo da cena enunciativa na esfera narrativa. O tempo da narrativa é um tempo marcado pelo encontro dos acontecimentos e sempre na narrativa estará estabelecido na emergência dessas ocorrências, realizadas discursivamente. Sendo que o “acontecimento é sempre uma

nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentidos, não há enunciação” (GUIMARÃES, 2002, p. 12).

Outra questão que merece ser dita sobre o procedimento da *debreagem* é quando essas categorias (pessoa ‘eu’, tempo ‘agora’, espaço ‘aqui’) são recuperadas pelos enunciados formulados no texto, tem-se a *debreagem enunciativa*. Quando essas instâncias estão ausentes no plano da narrativa, existindo outras instâncias que fazem referência, tem-se a *debreagem enunciativa* a partir de um texto enuncivo.

Ao enunciar, o sujeito constrói uma cena enunciativa, envolve-se nela, organiza seu discurso e o categoriza em um tempo específico do dizer e do fazer, em um espaço determinado, um contexto social, pois somente assim as condicionantes reguladoras enunciativas cooperam com a concretização da enunciação. É, pois, na cena enunciativa que são marcados os lugares do discurso na emergência dos acontecimentos temporalizados.

A função assumida pelo sujeito na enunciação é a de marcar seu lugar no discurso, de fazer com que esse discurso aconteça e se interconecte com os modos de pensar a língua que estejam além do contexto social e temporal do sujeito-enunciador. Ao enunciar, o enunciador cria suas referências, estabelecendo-se na interação com o outro tanto na elaboração quanto na perpetuação de sentidos, de seus efeitos e na fluidez como a ação de enunciar entra em funcionamento.

Os autores do discurso inseridos na instância enunciativa de pessoa, criam suas referencializações na produção do enunciado, assumindo as possibilidades em que “o sujeito da enunciação faz uma série de opções para projetar o discurso, tendo em vista os efeitos de sentido que deseja produzir” (BARROS, 2007, p. 54).

Ainda sobre a categoria de tempo é preciso compreender que a temporalização dos acontecimentos na narrativa, por exemplo, orienta a continuidade da programação textual. Assim, a língua em acontecimento vista como discurso, realiza-se mediante um “complexo jogo, entre as temporalidades da enunciação e do enunciado, entre simultaneidades, anterioridades e posterioridades, cria um tempo que simula a experiência temporal do homem” (FIORIN, 2016, p. 224).

Quando se diz que a enunciação coloca a língua em funcionamento, diz-se que a interação está ocorrendo entre os sujeitos, que fazem a língua um contínuo acontecimento. Todos os sujeitos de uma forma ou de outra estão envolvidos nessa realização da língua, porque é por meio dela que se constituem e operam situações comunicativas, passando pelo plano social e linguístico no acontecimento da enunciação.

Trabalhar com as categorias da enunciação no protagonismo do sujeito como agente de seu discurso significa reconhecer que a “enunciação não serve, então, para descrever este ou aquele ato de fala, cujo resultado, o enunciado, é objeto de análise; é percebida, muito mais, como um ato de utilização da língua” (ONO, 2007, p. 29), para inserir o sujeito e seu discurso em uma instância temporalizada e espacial.

Entender como são os sentidos que a enunciação promove na interação e nas narrativas se tornam objetos de investigação da linguística e dos estudos da linguagem. Nesse sentido, há em todos os gêneros de textos uma marca de enunciação presente, cabendo apenas ao investigador identificá-la e saber como se comporta no tratamento da cena enunciativa.

Necessário se faz também compreender como a enunciação organiza e se estabelece nos gêneros de textos e, mais ainda, as propostas de enunciação que são realizadas nas práticas de sala de aula. A enunciação estabelece-se no trabalho harmônico da língua e compreendê-la de maneira coesa é a primeira parte para entender como os acontecimentos sociais e linguísticos colocam a língua em efetivo exercício, sem desconsiderar a noção de tempo e espaço no propósito enunciativo.

As tramas da enunciação lançam luzes aos processos de constituição enunciativos baseados nas categorias de pessoa, espaço e tempo. Isso significa dizer que a língua como instância colocada em funcionamento insere-se em um espaço de organização do discurso, um tempo de adequação das marcas linguísticas no papel de cada uma das pessoas que promovem o discurso na cena enunciativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A enunciação envolve o enunciador e o enunciatário em um complexo jogo comunicativo de interação. É pela língua que a enunciação se realiza, efetiva-se e cria as referências para que os sujeitos as selecione no tratamento e no trabalho com a linguagem. De maneira enfática, diz-se que: se há enunciado constituído, há também um processo de enunciação envolvido, pois aquele é considerado resultado desta ação discursiva.

Todas as propostas de enunciação estão inseridas em uma cena enunciativa com base nas categorias de pessoa, tempo e espaço. Essas instâncias localizam a enunciação em uma temporalização necessária, inserido em um contexto social e linguístico e, sobretudo, marcando e destacando as pessoas do discurso envolvidas na cena enunciativa.

Estas reflexões referentes à enunciação não merecem um ponto final, porque muito ainda tem que ser investigado e dito sobre a ação de enunciar, por isso, creio que outros trabalhos, discussões e reflexões podem ser utilizados como propostas de compreensão e exemplificação de como a enunciação acontece, ao mesmo tempo em que a arte de enunciar significa também a arte de aprender sobre a língua e a construir as referências dos sujeitos, isto é, dos enunciadores.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2007.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3ª ed. São Paulo: Pontes, 1991.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: introdução**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1988.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 3ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. In: **Revista Gragoatá**. Niterói, v. 22, n. 44, p. 970 - 985, set./dez., 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/download/33544/19531>>. Acesso em: 30 mai. 2020.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas: Pontes Editores, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien; CORTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

HILGERT, José Gaston. Língua falada e enunciação. In: **Revista Calidoscópico**. Unisinos, vol. 5, n. 2, p. 69-76, mai/ago., 2007. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5627>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise dos textos de comunicação**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ONO, Aya. **La notion d'enonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 71, 100, 192, 193, 195

Argumentatividade 29, 31, 34, 36

Arquitetura indígena 173

Autismo 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

C

Casamento 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Categorias 24, 25, 36, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 71, 109, 125, 158, 165, 168, 180, 209, 211, 217

Cena enunciativa 41, 45

Cinema 17, 63, 84, 135, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 219, 226, 229

Comunidade 154, 163

Congada 179, 180, 181, 185, 186, 187, 188, 189

Contos de fadas 105

Criação sociológica 118

Cultura 4, 16, 28, 55, 63, 65, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 93, 104, 109, 121, 122, 133, 146, 147, 154, 160, 163, 167, 173, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 200, 201, 223, 230, 232, 233, 235, 236

Cultura negra 69

D

Descolonização 69, 73, 75, 76, 78

Dialeto 132, 133, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 147, 148

Discurso 12, 15, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 74, 75, 126, 140, 142, 146, 156, 158, 165, 168, 170, 171, 172, 186, 193, 214, 216, 229

Divulgação científica 11, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40

E

Eduardo Coutinho 154, 155, 158, 163, 164

Educação Básica 89, 90, 91, 92, 95, 103, 173

Enunciação 20, 32, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 60, 62

Enunciados 36, 38, 41, 44, 46, 48

Estrutura de madeira 173

Etnoarquitetura 173, 174, 178

Existencialismo 89, 91, 92, 93, 94, 98, 102, 104

F

Fantasia 5, 90, 91, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116

H

Homofobia 143, 165, 171, 172

I

Identidade negra 69, 78

Influenciadoras Digitais 12, 14, 15, 21, 25, 26, 27, 28

Instagram 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 65

J

Jornalismo 20, 31, 165, 166, 167, 171, 172, 222

L

Lexicologia 51

Língua Inglesa 1, 3, 7, 8, 10, 27, 81, 106, 137

Literatura 59, 60, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 114, 115, 117, 118, 122, 130, 163, 180, 182, 204, 229

Literatura Brasileira 71, 89, 90, 91, 101, 102, 103, 104

M

Madeira 173, 174, 176

Manifestação Popular 179, 188

Maquiagem 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 149, 158

Memória 3, 77, 98, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 131, 154, 156, 157, 159, 162, 163, 179, 184, 189, 229

N

Narrativa 15, 20, 25, 47, 48, 58, 63, 66, 67, 76, 77, 95, 96, 97, 100, 102, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 186, 187, 191, 196, 198, 200

Neologismo 51, 53, 58, 60, 61, 62, 63

Notícia 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

O

Objetividade 29, 31, 33, 34, 35, 36, 39

P

Pajubá 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150

Poética 77, 95, 118, 119, 120, 121, 129, 131, 198, 219, 228

Protagonismo feminino 105, 106, 108, 111, 115

Q

Queer 132, 133, 137, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 165, 166, 167, 168, 170, 171

R

Religiosidade 179, 180, 181, 184, 185, 186, 189

Romance 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 65, 67, 68, 91, 92, 93, 95, 97, 100, 102, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 129, 130

S

Semântica 4, 50, 51, 53, 66, 67, 68

Semiótica 15, 20, 25, 28, 49, 50, 51, 54, 59, 67, 68, 192

Sociolinguística 132, 133, 136, 147, 148

Subjetividade 29, 31, 33, 34, 36, 39, 40, 51, 65, 92, 93, 97, 139, 197

V

Vernacular 173

 **Atena**
Editora

2 0 2 0